

POLÍTICA E ANTICOMUNISMO NA ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE SOB A LIDERANÇA DE DOM ANTONIO DE ALMEIDA MORAIS JÚNIOR (1952- 1960)

Newton Darwin de Andrade Cabral e Hugo Leonardo Silva de Oliveira Leite *

Resumo: A questão central do artigo é a análise da atuação e pensamento de uma importante liderança eclesial brasileira: Dom Antonio de Almeida Moraes Júnior, Arcebispo metropolitano de Olinda e Recife, através da missão, por ele mesmo imposta ao assumir o sólio arquiépiscopal, de formar uma geração de fiéis e cidadãos que, devidamente instruídos, participassem dos processos eletivos fazendo uso do voto da forma que ele considerava ser a forma, ou seja, seguindo e respeitando os postulados cristãos. Com efeito, mesmo antes de assumir a administração da Arquidiocese, Dom Antonio ganhou notoriedade por sua forte inclinação anticomunista, como atestam diversos de seus livros, entre eles *Capital e trabalho*, sua obra mais conhecida. Essa forte inclinação anticomunista logo descambaria, como foi analisado, para uma verdadeira obsessão: em sua opinião, candidatos com uma orientação política mais à esquerda não deveriam, de forma alguma, ser sufragados nas urnas pelos católicos; tal atitude seria uma traição não apenas à fé cristã mas também à pátria brasileira. Portanto, seu governo arquiépiscopal foi marcado por intensas intervenções políticas, que transformaram Pernambuco em palco privilegiado de uma importante luta simbólica.

Palavras-chave: Igreja; Modelos eclesiais; Poder.

*Newton Cabral é graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Mestre e Doutor em História pela UFPE, professor Adjunto IV da UNICAP, onde integra os colegiados da Graduação em História e do Mestrado em Ciências da Religião. E-mail: newton@unicap.br. Hugo Leite é graduado em História pela UNICAP, é pós-graduando em História do Nordeste pela mesma instituição. Foi bolsista PIBIC/CNPq, sob a orientação do Prof. Newton Cabral. Este artigo é fruto daquela atividade de pesquisa. E-mail: hugo.leite16@gmail.com; hugo_oliveiraleite@hotmail.com.

REVTEO – Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP/PE	Dezembro de 2012 n. 1, v.01	pp.140-159
--	--------------------------------	------------



D. Antonio de Almeida Morais Júnior
Arquivo do Prof. Newton Cabral

Introdução

Porque negações que se baseiam unicamente em impulsos, em humores pessoais, não tem alcance social, não tem valor de exemplo nem força constrangedora para aqueles que as escutam. (FEBVRE, Lucien. O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais, p. 305).

O artigo teve por finalidade analisar e reconstruir a atuação de Dom Antonio de Almeida Morais Júnior¹ enquanto esteve à frente da Arquidiocese de Olinda e Recife – tomando como ponto fulcral o seu caráter anticomunista e intervencionista. Dom Antonio tinha a convicção de que o Brasil, em geral, e Pernambuco, em particular, estavam sendo vítimas de um verdadeiro assalto comunista. *Ipsa facto*, para o novo

¹ Foi o terceiro bispo de Montes Claros/MG (1949 - 1952), terceiro arcebispo de Olinda e Recife (1952 - 1960) e primeiro arcebispo de Niterói/RJ (1960 - 1979). Mineiro, nasceu em Sapucaí-Mirim, aos 26 de

metropolitana, era imperiosa a execução bem sucedida de uma missão: conscientizar o eleitorado católico, para que, assim, seu rebanho não cometesse o grave equívoco de contribuir com o avanço das “hostes vermelhas” no estado.

Conquanto não tenha sido o objeto de análise prioritário, faz-se mister um esclarecimento sobre a relação do novo Arcebispo com a Ação Católica, movimento que congregava uma série de atividades que visavam à expansão da esfera de influência da Igreja sobre a sociedade através da inserção de setores específicos do laicato em diversas atividades pastorais: ao assumir o sôlio olindense, Dom Antonio ensaiou uma aproximação com essa associação, sobretudo quando recebeu Dom João Batista Portocarrero Costa², um dos maiores expoentes da Ação Católica Brasileira, como bispo coadjutor – o primeiro da Arquidiocese; não obstante, essa aproximação inicial evoluiu para um completo estranhamento, pois, na sua administração e a seu ver, a Ação Católica passou a ser considerada o palco ideal para o exercício de atividades subversivas.³

A chegada do tão esperado episcopo

Na tarde de 19 de março de 1952, Dom Antonio de Almeida Morais Júnior – até então bispo de Montes Claros, em Minas Gerais, tomou posse como novo Arcebispo Metropolitano de Olinda e Recife; ele fora elevado à condição de Arcebispo e designado, pelo papa Pio XII, para ocupar o sôlio olindense, em novembro do ano anterior, substituindo a Dom Miguel de Lima Valverde, que, durante trinta anos (1922 - 1951), governou os destinos espirituais dos fiéis pernambucanos e faleceu no exercício do cargo.

O novo prelado não era desconhecido no meio pernambucano. Sua forte

junho de 1904 e faleceu em Guaratinguetá/SP, aos 12 de novembro de 1984.

² Pernambucano de Vitória de Santo Antão, onde nasceu em 1904. Foi o segundo bispo da Diocese de Mossoró/RN, entre 1943 e 1953, quando, para poder dispor de melhores tratamentos para a sua saúde frágil, foi transferido para a Arquidiocese de Olinda e Recife, na condição de bispo auxiliar.

³ “A Ação Católica é um movimento de penetração em todos os ambientes, de especialização do apostolado em todos os meios, fazendo voltar, graças ao trabalho organizado dos seus apóstolos, os filhos desviados do amor da Mãe Comum, a Igreja, a quem deve o mundo as suas mais preciosas riquezas, as suas melhores alegrias. Ela representa um novo método, que valoriza e emprega todos os meios de apostolado, dirigindo-os e orientando-os com a autoridade e o valor da sua organização oficial”. PORTOCARRERO COSTA, João Batista. *Ação Católica*: conceito, programa, organização. Rio de Janeiro: Ed. ABC, 1937. p. 129.

inclinação anticomunista e seus esforços em prol da pacificação entre as classes patronal e operária eram notórios, além de considerados um valor que, aliás, foi devidamente destacado por uma elite político-social especialmente preocupada com a suposta escalada do comunismo tanto em nível internacional – as constantes perseguições a missionários na China chocava-os em particular, e era um fato a ser sempre destacado⁴ –, quanto em níveis nacional e local, uma vez que Pernambuco era visto como alvo em potencial das ações comunistas no Brasil. Essa notoriedade foi atestada no discurso do deputado Milton Prates ao receber o Bispo em nome da cidade:

Já havia V. Excia. Revma. conquistado a nossa admiração e o nosso respeito, por que, antes da pessoa de V. Excia. Revma, aqui tinham chegado os seus livros com a palavra esclarecedora da Igreja sobre problemas de nossa época que tanto inquietam o mundo católico.⁵

O medo do avanço vermelho continuamente rondava o imaginário de proeminentes intelectuais católicos, como Mário Tavares, para quem a Igreja, embora tendo enfrentado, no decorrer de sua bimilenar história, as mais diversas formas de perseguições e heresias, via-se, então, diante de sua mais perigosa provação, pois

muitos governos perseguiram os católicos por vários motivos. Nunca porém, se viu o que se vê na nossa época: uma doutrina que nega a própria existência de Deus, governos que perseguem impiedosamente todas as religiões. Os comunistas empreendem uma guerra total contra o sobrenatural. Mas essa guerra não é feita abertamente e lealmente, é feita em surdina, pela mentira, pela difamação, pela fraude.⁶

Dom Antonio fora esperado com grande entusiasmo por essa elite de letrados convencidos de que ele seria “o pastor providencialmente escolhido”⁷ para lidar com aquele tempo de crise conjuntural que soava, nas palavras por eles proferidas, como indubitáveis.

Após meses de espera, o novo Arcebispo chegou a bordo do navio *Pedro II*. Fora preparada uma grande solenidade para sua recepção, que contou com a presença de personalidades ilustres, como o governador Agamenon Magalhães e o prefeito do Recife, Antonio Pereira, além de deputados, vereadores e jornalistas, bem como de lideranças paroquiais, membros da Ação Católica, irmandades terceiras e associações

⁴ Cf. PERSEGUIÇÃO na China. A Tribuna, Recife, p. 02, 15 de mar. 1952. (Arquivo da Cúria Metropolitana de Olinda e Recife, doravante citado CMOR – Recife).

⁵ PRATES, Milton. **Perfil de um apóstolo**. A Tribuna, Recife, p. 06, 15 de mar. 1952. (CMOR – Recife).

⁶ TAVARES, Mário G. **Guerra total**. A Tribuna, Recife, p. 01, 16 de fev. 1952. (CMOR – Recife).

⁷ PEREIRA, Nilo. **O novo Arcebispo**. A Tribuna, Recife, p. 01, 22 de mar. 1952. (CMOR – Recife).

religiosas; representantes desses grupos integraram o cortejo oficial ao Palácio dos Manguinhos⁸. Os responsáveis pelas circunscrições eclesiásticas sufragâneas⁹ divulgaram mensagens solenes de saudação ao novo metropolitano. O Vigário Capitular, Monsenhor José Leal¹⁰, em nome da Arquidiocese de Olinda e Recife, ressaltou que a saudação dela ao seu novo Arcebispo é “a mesma que de Jesus Cristo aos seus discípulos”, pois “Olinda é a mesma de todos os tempos: amiga de Deus, de Cristo, da Santa Igreja”¹¹. A então mais jovem dentre as dioceses pernambucanas, Caruaru, nas palavras de seu bispo, divulgou que ela

une-se, sincera e jubilosa, ao concerto das vozes que, desde a veneranda Sé de Olinda, derramam pelos céus de Pernambuco, as notas alegres, vibrantes e cheias de esperança, do hino triunfal, com que a Arquidiocese inteira acolhe o novo Pastor e Pai escolhido pelo Espírito Santo para, nesta hora grave da História, reger-lhe os gloriosos destinos cristãos.¹²

Logo na sua primeira carta pastoral¹³, Dom Antonio Morais Jr. organizou, em um plano sistemático, os traços prioritários de seu governo arquidiocesano. O empenho para que se implementasse uma relação salutar entre patrões e operários figurava como um problema fundamental, em sua opinião. Na carta, o Bispo retornou às linhas gerais de seu livro *Capital e trabalho*, publicado em 1947, pedindo para os fiéis refletirem cristãmente sobre a importância dos capitalistas para os trabalhadores, pois esses últimos dependem dos primeiros, sendo o contrário também verdadeiro. “Onde estiver o capital com o seu impulso e sua energia, aí estará o trabalho com sua força e o seu dinamismo”¹⁴. A mútua dependência é por ele considerada intrínseca à relação, pois o “capital nada vale sem o trabalho e o trabalho nada vale sem o capital”¹⁵. Mas esses, embora fundamentais, não eram, em sua visão, os únicos desafios a serem enfrentados.

⁸ PROGRAMA das festas de recepção e posse do Exmo. Sr. Arcebispo. A Tribuna, Recife, p. 08, 16 de fev. 1952 (CMOR – Recife). O Palácio Episcopal de São José dos Manguinhos foi construído no século XIX, por um rico comerciante, para ser a sua moradia. Depois de adquirido pela Arquidiocese, tornou-se a sede da Cúria Metropolitana. Alguns arcebispos têm nele residido.

⁹ Dioceses dependentes de um metropolitano. Em Pernambuco, todas as dioceses existentes são sufragâneas de Olinda e Recife.

¹⁰ Monsenhor José Leal vinha exercendo, por designação do Cabido Metropolitano, o governo da Arquidiocese por motivo de *Sede Vacante*, devido ao falecimento de Dom Miguel Valverde.

¹¹ PERNAMBUCO saúda seu novo Arcebispo. A Tribuna, p. 01, 15 de mar. 1952. (CMOR – Recife).

¹² *Idem*.

¹³ CARTA pastoral de saudação... A Tribuna, p. 05, 29 de mar. 1952. (CMOR – Recife).

¹⁴ MORAIS JR., Antonio D’Almeida. **Capital e Trabalho**. 2. ed. Petrópolis; São Paulo: Vozes, 1947. p. 34.

¹⁵ *Idem*. p. 39.

Comunismo? Sim. Ei-lo aqui, uma vez mais:

O Comunismo é inteiramente inadaptável ao Brasil. Pois os regimes devem procurar uma espécie de raiz na própria índole do povo, na sua própria estrutura racial. [...] Mesmo sob o ponto de vista político seria um grande erro a adoção de um sistema de predominância coletiva neste país. [...] E se quiserdes prova disso, perguntai aos que se dizem comunistas o que pensam eles do trabalho obrigatório, da ligação forçada a uma empresa, dos salários fixados por decretos, da supressão do direito de greve, da submissão a cooperativas ou cantinas de usinas, da distribuição de rações iguais por cartões de racionamentos. [...] Não significa isto mais uma afirmativa de que o comunismo pretendendo a igualdade absoluta, atenta contra a própria realidade da natureza humana?¹⁶

O indômito Arcebispo continuou sua explanação afirmando que aquele tipo de regime só triunfou na Rússia porque os russos, “povo imprevidente e sem iniciativa”, já estava, há muito, habituado a uma rígida tradição, escravizado a uma rotina; e como se não bastasse, acrescentou que os russos possuíam uma “espécie de tendência ao coletivismo, uma espécie de entrega passiva à escravidão”.¹⁷

Ainda segundo Dom Antonio, a Igreja “não aceita a estúpida doutrina da luta de classes”, ela não promete o “absurdo de igualdade de condições sociais, mesmo porque [...] é impossível existir a sociedade estando todos os homens na mesma igualdade de condições”. O operário e, por conseguinte, o trabalhador deve aceitar, portanto, “a desigualdade social como querida por Deus”.¹⁸

Embora os autores não concordem com as linhas gerais de seu pensamento por parecerem demasiado simplistas na sua forma de isolar o problema, é necessário ter-se em mente que, por trás da solidária preocupação do metropolitano com a sorte do operariado, estava latente o temor de que eles se deixassem ludibriar pela tentação comunista. Aliás, tal aspecto não constituiu nenhuma exceção. Pelo contrário, estava em consonância com o, então em curso, processo de romanização, a partir do qual a estrutura eclesiástica buscou assumir o controle de todo o aparelho religioso. Entre as manifestações da política de romanização da Igreja do Brasil, as cartas pastorais passaram a ser adotadas como instrumento eficaz para a difusão das diretrizes de ordem eclesiástica. A romanização contribuiu para que fosse criada uma mentalidade católica e, nela, passou a ser importante incluir, na doutrinação e na catequese, o dever de se

¹⁶ CARTA pastoral de saudação... A Tribuna, Recife, p. 06, 05 de abr. 1952. (CMOR – Recife).

¹⁷ *Idem*.

combater o protestantismo, o espiritismo e as religiões de matriz africana, além do comunismo e de qualquer movimento que pudesse significar alteração do quadro e da ordem sociais vigentes.¹⁹

Dirimindo dúvidas: em política, mais vale o esclarecimento e a palavra da Igreja

Foi no campo político que Dom Antonio de Almeida Morais Júnior mais fortemente impingiu sua marca. Ele estabeleceu como um de seus deveres pastorais prioritários a colaboração para que fosse construída uma sociedade de fiéis e cidadãos. Esses deveriam garantir, com um voto consciente, os postulados cristãos e, para tanto, precisariam ser esclarecidos. A Junta Estadual da LEC (Liga Eleitoral Católica)²⁰ ganharia, *eo ipso*, uma atenção cada vez maior, ao passo que as reuniões dos membros da Ação Católica, especialmente os da JUC (Juventude Universitária Católica), tornar-se-iam menos frequentes²¹.

Em artigo publicado n'A Tribuna, Valdir Coelho saiu em defesa dos novos rumos seguidos pela Ação Católica, e afirmou que a sua principal função não era a de organizar conferências, encontros, reuniões, mas a de incutir nos seus militantes a ideia de que o seu verdadeiro trabalho era, sem dúvida, o “contato pessoal, que ele usa para exercer influência”; em outras palavras, para “que um membro seja considerado militante, é necessário que ele tenha um grupo de influência, e não que já tenha patrocinado uma conferência qualquer ou colaborado neste sentido”.²² Tal perspectiva significava uma grande inversão se comparada com aquela associação que tanto orgulhava Dom Miguel Valverde!

¹⁸ *Idem.* p. 38 - 39.

¹⁹ CABRAL, Newton D. A. **Memórias de um cotidiano escolar**: Universidade Católica de Pernambuco, 1943 – 1956. Recife: Fundação Antonio dos Santos Branches, 2009. p. 163-166.

²⁰ A Liga Eleitoral Católica foi fundada em 1932, pelo Cardeal Sebastião Leme, a partir de experiência anterior (1913), implementada em nível diocesano pelo Bispo de Campinas/SP, Dom João Batista Nery, que a criou com a finalidade de orientar os fiéis sobre “os direitos e deveres dos cidadãos, sobre o ensino da Igreja em matéria de voto e dos interesses políticos”. Conservando a inspiração inicial, ao ser estendida para todo o Brasil, assumiu a meta de “despertar o interesse dos católicos pela política, a fim de que *apoiassem as propostas eclesiais*”. Embora não estivesse ligada a nenhum partido político, segundo Scott Maiwaring, a LEC era *avidamente anticomunista*. Cf. AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo: tomo II/3-2: terceira época: 1930 - 1964. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 252-253. Grifos dos autores.

²¹ COELHO, Valdir. **Ação Católica** – O trabalho dos militantes. A Tribuna, Recife, 28 de mai. 1955. (CMOR – Recife).

²² *Idem.*

Com a morte do governador Agamenon Magalhães – e diante da inexistência do cargo de vice-governador – foram convocadas novas eleições, nas quais concorreria um candidato de fama comunista notória, Osório Borba, do Partido Socialista Brasileiro (PSB), partido que nascera do desligamento de elementos do PCB (Partido Comunista Brasileiro). Seguindo as orientações do metropolitano, iniciou-se um processo de desqualificação do candidato socialista.²³

A LEC publicara que seu adversário, o candidato Etelvino Lins, era um bom católico e resguardara os mesmos princípios defendidos pela LEC ao longo dos seus mandatos eletivos. Quanto a Osório Borba, destacava-se que ele sempre se negara a assumir qualquer compromisso com a LEC, “dadas as suas convicções”; o candidato, outrossim, sempre combatera os princípios defendidos pela opinião católica.²⁴ Osório Borba foi derrotado nas urnas e culpou “os caprichos e hipocrisias da LEC” por contrapô-lo aos eleitores católicos.²⁵

Em outra ocasião, Dom Antonio fez uma defesa apaixonada da interferência da Igreja na política:

Não importa que muitos gritem, negando o dever de interferência da Igreja; [...] que estes ou aqueles a considerem fora do plano político do mundo. A Igreja não pertence a este ou àquele, não depende deste ou daquele partido político – a Igreja é de Deus e só tem por fito a salvação da humanidade. E é triste que mesmo católicos julguem não dever a Igreja intervir na vida econômica das nações e dos povos. [...] E também é doloroso que os inimigos da Igreja julguem a posição, a opinião desses católicos comodistas, covardes aproveitadores, como a opinião ou ensino verídico da Igreja.²⁶

Dom Antonio seguiu fielmente os preceitos por ele tão veementemente defendidos e não deu mostras de mudanças nesse direcionamento; como exemplo, é mister ressaltar que a Arquidiocese também não se furtou de envolver-se na questão da sucessão de Etelvino Lins – que fora eleito para um mandato-tampão de pouco mais de um ano. A nova orientação de Dom Antonio foi de apoio ao candidato governista, General Cordeiro de Farias, homem “de inteligência e de cultura, predicados que tem sempre posto a serviço da pátria”.²⁷ Cordeiro saiu, de fato, vitorioso; conquistou uma

²³ SOBRE as eleições. A Tribuna, Recife, p.01, 19 de out. 1952. (CMOR – Recife).

²⁴ LIGA Eleitoral Católica. A Tribuna, Recife, p. 01, 19 de out. 1952. (CMOR – Recife).

²⁵ DELGADO, Luiz. **As eleições do mês passado**. A Tribuna, p.01, 22 de dez. 1952. (CMOR – Recife).

²⁶ MORAIS JR., Antonio D’Almeida. *op. cit.*, p. 33.

²⁷ O novo governo. A Tribuna, Recife, p. 08, 05 de fev. 1955. (CMOR – Recife).

ampla maioria dos votos, o que deixou jubiloso o Arcebispo Metropolitano.

No ano de 1955, o Brasil, conforme tinha sido escolhido, foi a sede do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, entre os dias 17 e 24 de junho. O congresso contou com a presença das maiores lideranças eclesiais do Brasil e do mundo católico, entre elas a do Arcebispo Metropolitano de Olinda e Recife. Em entrevista aos *Diários Associados*, Dom Antonio contou que o ponto culminante foi o momento da comunhão dos homens, contando com a presença de mais de trezentos mil homens das mais diversas classes sociais.²⁸ Segundo as estatísticas oficiais, o Congresso Eucarístico contou mais de um milhão de fiéis presentes na procissão e na sessão de encerramento. Em seu adendo final, o congresso se propôs traçar resoluções para os graves problemas existentes, como o da falta de sacerdotes na América Latina.²⁹

Ainda no mesmo ano, houve o pleito municipal para a escolha do novo prefeito da capital pernambucana e, como não podia deixar de ser, esse fato recebeu grande atenção por parte do Arcebispo de Olinda e Recife. Na ocasião, levou às últimas consequências a missão, por ele escolhida, como uma prioridade, de orientar corretamente os católicos em meio aos sinuosos caminhos da política. Dom Antonio de Almeida Morais Jr. conclamou-os a não votar nos candidatos que seguiam a orientação comunista e/ou eram apoiados por seus partidários. Seu alvo seria o candidato Pelópidas Silveira – do PSB, lançado pela coligação Frente do Recife, que englobava, de uma só feita, trabalhistas, socialistas e comunistas em uma única frente político-partidária. Para tanto, mobilizou a LEC, fiéis, jornalistas, intelectuais, políticos e demais autoridades a se envolverem na disputa contra aquilo que considerava uma tentativa de assédio comunista. Ei-lo, mais uma vez, em tons belicosos:

Acima de tudo, meus caros operários, vós sois brasileiros e cristãos! Dois títulos, duas glórias, que deveis defender com toda a grandeza da vossa alma, com todo o heroísmo do vosso coração. Não é possível que sejais traidores, entregando vossa terra, vossa gente e vossa família a uma pátria estranha, traindo o nosso querido Brasil e entregando-o dolorosamente à Rússia!³⁰

²⁸ TESTEMUNHO inequívoco em unidade... Diário de Pernambuco, Recife, p. 08, 25 de ago. 1955. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, doravante citado APEJE – Recife).

²⁹ MENSAGEM de Dom Antonio aos fiéis pernambucanos. Diário de Pernambuco, Recife, p. 05, 28 de jul. 1955. (APEJE – Recife).

³⁰ A Tribuna, 31 de jan. 1953, p. 01. *Apud* ALMEIDA, V. A. G. **Chorem os sinos**: os discursos e as

Sua tentativa, porém, não sensibilizou o eleitorado católico, que votou maciçamente no candidato socialista. Pelópidas Silveira era um velho conhecido dos recifenses. Ele fora prefeito em 1946, nomeado pelo interventor federal, José Domingues da Silva, e lançou-se candidato a governador no ano seguinte. Os trabalhistas, que compunham a chapa ao lado de Pelópidas Silveira, lançaram Vieira de Menezes como candidato a vice-prefeito³¹, para aumentar as chances de sucesso; os socialistas, por sua feita, lançaram o jornalista Sócrates Carvalho para disputar o mesmo cargo. As forças situacionistas demoraram a reagir, assistindo, inconformadas, à candidatura oposicionista somar apoio popular a cada dia. Diante da impossibilidade de apresentar uma candidatura política com chances concretas de derrotá-lo, os situacionistas, apoiados por setores mais conservadores da sociedade, com o Arcebispo metropolitano à frente, buscaram vencer o pleito disseminando o medo perante o eleitorado: correram, à boca miúda, rumores de que o candidato socialista e seus aliados, entre eles o PCB, trazia elementos estrangeiros em suas fileiras, o que representaria um perigo em potencial à segurança nacional.

Contudo, a ampla tentativa de desqualificá-lo perante o eleitorado e contrapô-lo à câmara municipal não produziu os efeitos almejados. Pelópidas Silveira era, de fato, um político muito popular, tanto que venceu o pleito com mais que o triplo de votos do segundo colocado. A negativa do eleitorado católico às orientações de seu Arcebispo fora, *ipso facto*, um grande revés para o governo arquiépiscopal de Dom Antonio de Almeida Morais Jr.; o epíscopo colhera os ventos que lhe eram devidos, e sua imprudência no campo político contribuiu para o desencanto geral que se avizinhava.³²

Um instante de perigo: o pleito de 1958 e a ameaça vermelha

Com efeito, foi no pleito seguinte, para o preenchimento do cargo de governador, em 1958, que Dom Antonio de Almeida Morais Jr. assumiu atitude mais

práticas anticomunistas da Arquidiocese de Olinda e Recife (1952 - 1960). Recife, UFPE, CFCH, PPGH, 2010. Dissertação de Mestrado.

³¹ Por parte do PTB, houve um movimento sutil para lançar Barros Carvalho como candidato a prefeito, mas essa alternativa acabou sendo descartada em nome da aliança.

³² Para maiores detalhes sobre o pleito municipal de 1955, consultar o artigo: LEITE, H. L. S. O.; CAVALCANTE, L. N.; CABRAL, N. D. A. Recife em chamas: as eleições municipais de 1955. In: **Abordagens interdisciplinares sobre história da sexualidade**, 2010, Recife - PE. IV Colóquio de História - Anais, 2010. p. 562-571.

agressiva nos seus discursos e nas suas recomendações. O Arcebispo não apresentou nenhuma tolerância para com o fato de a oposição, formada em grande parte por partidos esquerdistas, ter decidido reunir-se em uma única coligação político-partidária – as *Oposições Unidas* –, sob o aval do próprio partido comunista, que decidira integrar formalmente a coligação.

Aquela ampla aliança política abarcou partidos com ideologias dissonantes, como a UDN (União Democrática Nacional) e o PSB – que lançara Cid Sampaio e Pelópidas Silveira como candidatos a governador e vice-governador, respectivamente; a junção dos dois candidatos representava uma união contra o mesmo tronco político que dominava Pernambuco desde o Estado Novo. Para desassossego do Bispo, a chapa Cid-Pelópidas ganhou amplo apoio popular e reuniu cada vez mais populares, oriundos de credo e classes variados, nos seus comícios. Diante disso, Nilo Pereira, no melhor estilo Dom Antonio, declarou:

Os falsos católicos estão contribuindo para certas uniões políticas inconcebíveis; dizem-se cristãos e aliam-se aos inimigos dos cristãos; vão à missa, nos seus reluzentes carros, e vão às eleições com os votos dos vermelhos. [...] A esses católicos convém lembrar a sátira de Murilo Mendes: Deus existe, senhores, e vós tereis uma grande surpresa quando verificardes precisamente isso, em que apenas fingis acreditar. Os católicos (expressão de Murilo Mendes) cairão em si quando virem que Deus existe. Nem terão tempo de dizer: puxa vida!³³

Os ânimos ficaram ainda mais acirrados quando circulou a notícia de que o líder comunista Luís Carlos Prestes viria a Pernambuco para dar apoio às Oposições Unidas. Para Dom Antonio, o conjunto formado pela presença de Prestes naquela hora grave da história, somada à atuação das Ligas Camponesas, juntamente com a difícil realidade do sertão, então afligido pelos efeitos da seca e da fome, formava uma caleidoscópica situação que, na sua concepção, tornava os comunistas ainda mais perigosos. Naquela paisagem, o metropolitano emprestou ao pleito governamental um clima de verdadeira guerra santa e não mediu esforços para ver a aliança fracassada através da derrota da candidatura de Cid Sampaio:

Dizem os líderes que Prestes virá brevemente fazer comícios no Recife. Que tristeza para o povo tão altivo de Guararapes e Tabocas! Para o povo que, um dia, soube morrer, derramando o seu sangue para

³³ JORNAL DO COMMERCIO, Recife, p. 01, 11 de abr. 1958. Apud ALMEIDA, V. A. G., *op. cit.*, p. 99.

sagrar a imortalidade da sua fé!

E que fareis – o povo de tão nobres tradições patrióticas e cristãs! – quando vem, hoje, à nossa capital, um chefe comunista cujas mãos impiedosas e carrascas lhe fazem recordar os últimos gemidos das vítimas que tombaram assassinadas na revolta comunista que liderou em 1935!? E ele vem para ordenar que se vote no candidato que o acolhe, que deliberadamente se deixa fotografar com os agentes locais do comunismo e que em companhia dos mesmos, vai à praça pública realizar comícios para uma demonstração em comum de união política. Onde se encontra, então, a nobreza inconfundível dos pernambucanos!?

[...] Católicos: pensai bem e vede em que desgraça se vai precipitando a nobreza de vossa condição cristã! Não adiantam declarações escritas sobre os atos que desmentem ou comprometem as afirmações nelas contidas. [...] Evidentemente é preciso chorar! Chorar de revolta, quando não se pode chorar de pena!³⁴

E não foi só isso. Em clara alusão à aliança entre Cid Sampaio, Pelópidas Silveira e dirigentes do PCB, o epíscopo fez declarações oficiais nada lisonjeiras. E diga-se, a propósito, as colocações que fez continham um tom de veredicto:

Como unir líderes industriais, comerciais e líderes comunistas, quando ninguém ignora que o comunismo quer o aniquilamento de todos esses homens? E como podem unir-se àqueles que, por doutrina, por ação, por dinâmica, os odeiam tremendamente, com ódio de morte?³⁵

O metropolitano arquitetou um pacífico sinal de protesto contra a malfadada presença do líder encarnado: fez um apelo a todos os párocos, a todas as irmandades religiosas, a todos os conventos e colégios confessionais para que, na hora em que Prestes estivesse falando, “chorassem os sinos”, ou seja, todos os sinos das igrejas e capelas deveriam dobrar o toque de finados em um único, vibrante e veemente coro de protesto. As escolas católicas deveriam estender a bandeira a meio-pau, em sinal de luto, porque

alguma coisa estará morrendo. Estará morrendo a vossa fé, amados fiéis, estará morrendo a vossa obediência à Igreja, estará morrendo a vossa coragem e a vossa convicção cristã. Não! Não podem morrer! O povo que tem o sangue dos heróis de Guararapes saberá reagir.³⁶

³⁴ A CÚRIA METROPOLITANA divulga a proclamação original do Arcebispo. DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, p. 13, 24 de setembro de 1958. (APEJE – Recife).

O Arcebispo de Olinda e Recife foi avisado de que, embora a visita ao Recife não tenha sido cancelada, Luís Carlos Prestes não mais faria comícios na cidade, devido a uma proibição do TRE. Contudo, segundo parece, Dom Antonio ignorou a informação.

³⁵ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, p. 24, 23 de abr. 1958.

³⁶ A CÚRIA METROPOLITANA divulga a proclamação original do Arcebispo. DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, p. 13, 24 de setembro de 1958. (APEJE – Recife).

Na mesma proclamação Dom Antonio fez questão de lembrar aos fiéis o resultado da sua última desobediência, evidenciada no pleito anterior, no qual Pelópidas Silveira saiu vitorioso, e o fez dando mostras de que não esquecera sua fragorosa derrota na tentativa de convencer o eleitorado a não votar no engenheiro:

Já tivestes uma grande lição, e esta deveria bastar-vos. Votastes em massa em um prefeito que não acreditáveis tivesse compromisso com o comunismo. Não ouvistes as vozes de advertência da Igreja. E como essas vozes se calam quando o homem se obstina em desobedecê-las, elas de fato silenciaram... Mas, o resultado está aí diante de vossos olhos: a Prefeitura transformada em um ninho de chefes comunistas.³⁷

Mesmo com a veemente posição de protesto do Arcebispo de Olinda e Recife, Luís Carlos Prestes teve uma recepção acalorada e recebeu atenção de parte da imprensa, que estampou, nas primeiras páginas de importante jornal local, sua passagem pelo Recife. Dom Antonio voltou-se, então, contra os jornais, taxando-os de “burgueses”. Ele ainda lembrou que “não há conciliação possível entre catolicismo e comunismo”, pois o “comunismo combate a religião, como combate a propriedade privada, a existência da burguesia, a sociedade das classes produtoras”.³⁸

Com Deus ou contra Deus

Do alto do campanário de Duarte Coelho, Dom Antonio bradou que não se pode servir a dois senhores ao mesmo tempo: ou serve-se a Deus e ao catolicismo ou ao Diabo e ao comunismo. Decidiu realizar, portanto, ações mais incisivas. O Arcebispo deu início a uma espécie de contracampanha, a fim de incutir nos fiéis e eleitores a ideia de que os candidatos que adotassem princípios contrários à doutrina da Igreja, não poderiam e nem deveriam ser sufragados nas urnas. Enfatizou que ainda pior seria o caso daqueles candidatos que, sendo de família ou tradição católicas, se deixassem tornar meros instrumentos nas mãos dos comunistas. Por certo o metropolitano estava a referir-se duplamente ao candidato udenista, uma vez que apenas dois candidatos concorriam no pleito pelo governo estadual.

Para mostrar ao eleitorado católico que não deviam votar em Cid Sampaio, ele

³⁷ *Idem.*

³⁸ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, p. 24, 23 de abr. 1958. *Apud* ALMEIDA, V. A. G. *op. cit.*, p. 102.

decidiu excomungá-lo; ameaçou excomungar também os “falsos católicos” que confiassem seu voto a candidatos apoiados pelos comunistas.³⁹ O candidato udenista apressou-se em publicar uma carta, levada a público, na qual chamava a atenção para o fato de ele mesmo representar um fator de “união entre os proletários e os setores dirigentes da indústria e do comércio”; com isso, prometia “no mais autêntico valor cristão propugnar pela felicidade e pelo progresso do povo pernambucano”.⁴⁰

Embora Dom Antonio se tenha dado o direito de publicar uma carta-resposta no mesmo jornal, sua rede de alianças, que parecia inquebrantável – e que, de uma forma ou de outra, tinha permitido que a situação chegasse àquele ponto, ora concordando, ora silenciando – começara a ruir: as Dioceses de Pesqueira e Caruaru, nas pessoas de seus bispos, decidiram contrariar as orientações da Sé de Olinda e apoiar o candidato udenista, Cid Sampaio.⁴¹ Esse fato significava que não eram só os responsáveis por algumas dioceses sufragâneas, mas, junto com eles, havia muitos católicos que reprovavam as posições do Arcebispo.

Ao que evidenciam as análises, o metropolitano não estava tendo êxito em sua luta, que se revelava inglória. Nas vésperas de uma viagem de dois meses a Roma, Dom Antonio foi flagrado, por jornalistas do Diário de Pernambuco, distribuindo, no Palácio dos Manguinhos, notas incisivas e deselegantes sobre as eleições. Ao notar a presença dos jornalistas, foi dada a ordem, pelo metropolitano, para que os panfletos fossem recolhidos. Mas, ainda assim, uma das notas foi apreendida e levada para a redação do jornal onde foi entregue a um jornalista. Momentos depois, segundo o testemunho daquele profissional, Dom Antonio enviou o Padre Costa para recolher a nota apreendida e, em seu lugar, foi distribuída outra, redigida em tom mais brando. Ainda segundo o mesmo jornalista, os cortes no texto foram profundos, tendo sido retiradas referências diretas a candidaturas, ações e repartições. Apesar da manobra, Dom Antonio não conseguiu impedir que a informação chegasse ao alto escalão político, e as notícias causaram um grande embaraço naquele meio, pois até mesmo os chefes políticos aliados ao Arcebispo sentiram-se incomodados, uma vez que enxergaram no

³⁹ Cf. DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, p. 03, 04 de jul. 1958, p. 111. *Apud* ALMEIDA, V. A. G. *op. cit.*, p. 111.

⁴⁰ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, p. 13, 23 de ago. 1958. *Apud* ALMEIDA, V. A. G. *op. cit.*, p. 113.

⁴¹ *Idem*.

ato uma espécie de golpe baixo.⁴²

Na nova proclamação, Dom Antonio ainda insistia em repetir, tal como um mantra, a retórica anticomunista:

A ausência em que vamos permanecer, fora da grata convivência de nossos amados arqui-diocesanos, inicia-se precisamente dentro de um dos mais graves períodos da vida política e social de Pernambuco. Para os católicos, em particular, essa gravidade é tanto mais importante e absorvente, quanto imperioso é pensarmos que um dever cívico, patriótico, cristão e, por tudo isto, indeclinável, nos impõe a nós todos a participação nas eleições do dia 3 de outubro vindouro.

[...] Angustia-nos a situação do Estado de Pernambuco. Não nos impele nenhuma paixão política, porque não a temos. Só nos impele o dever sagrado de salvar os princípios da civilização cristã e a honra da pátria.

Se o comunismo vencer no Brasil, nós e vós, como os próprios capitalistas e industriais, seremos fuzilados. Mas, nós seremos fuzilados porque cumprimos o nosso dever e afirmamos as nossas convicções, enquanto vós cobrireis a loucura das ambições com o véu negro das concessões absurdas.⁴³

A posição um tanto quanto agressiva do metropolitano de nada adiantaria. Em Roma, Dom Antonio teve que digerir uma notícia pouco auspiciosa: não só Cid Sampaio, como seu companheiro de chapa, Pelópidas Silveira, venceram o pleito estadual com ampla margem de votos sobre os rivais.⁴⁴

“O cavaleiro de Nossa Senhora”: dois pesos e duas medidas?

Outra situação, ocorrida antes do resultado efetivo do pleito, é reveladora sobre os ânimos existentes em relação ao Arcebispo de Olinda e Recife. Tratou-se de um acalorado debate ocorrido no plenário da Assembleia Legislativa de Pernambuco. Estava inscrito para discursar, na tribuna, um velho aliado de Dom Antonio, o deputado Vieira de Menezes, vice-prefeito do Recife. Como de costume, começara a traçar elogios às recentes ações do Arcebispo, e pedira, ainda, que sua proclamação fosse anexada aos anais da casa. O deputado Edgar Fernandes, em um aparte, elogiou a decisão de inserir nos anais a “proclamação de advertência e de esclarecimentos do

⁴² VIAJA hoje o arcebispo, deixando proclamação sobre as eleições. DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, p. 15, 21 de ago. 1958. (APEJE – Recife). Já foram supramencionadas algumas transcrições deste proclame.

⁴³ *Idem.*

⁴⁴ Vale ressaltar que, àquela altura, as eleições para vice-governador davam-se de forma autônoma às do

Eminente Príncipe da Igreja Católica”.

Porém, as coisas estavam longe de seguirem tranquilas naquela sessão, pois, ao fazer uma crítica ao “marxismo ateu”, o parlamentar foi surpreendido por uma série de apartes. Primeiro, pelo do deputado Francisco Falcão, que apresentou suas credenciais: “Católico praticante e anticomunista que sou, não posso compreender bem a contradição do Sr. Arcebispo de Olinda e Recife. Mesmo com essas prerrogativas que tenho, de ser anticomunista e católico, não [o] compreendo bem”. Relatou o deputado que lhe era difícil entender as recentes ações do Arcebispo uma vez que, nas eleições presidenciais de 1955, Dom Antonio apoiara muito fortemente a candidatura de Juscelino Kubitschek, a quem carinhosamente chamava de “Cavaleiro de Nossa Senhora”, mesmo ele tendo “compromisso e apoio ostensivo do Partido Comunista, apoiado por uma mensagem de Luís Carlos Prestes, pública e notória”. E prosseguiu o parlamentar, que foi ouvido com grande atenção pelos seus pares:

S. Excia. Dom Antonio, naquela época, defendia a candidatura Juscelino, mesmo com o apoio de Carlos Prestes, mesmo recomendado em mensagem por Carlos Prestes, e o chamava “O Cavaleiro de Nossa Senhora”. Participava de “meetings” políticos, como foi o almoço no Clube Náutico, para naquele almoço homenagear com brilhante discurso o Sr. Juscelino Kubitschek. Não entendo, de forma alguma, os dois modos diferentes do procedimento de Dom Antonio de Almeida Morais Junior. Não compreendo porque naquela época, zelando pelo interesse da Igreja, da família brasileira, da religião que ele comanda, S. Excia. também não tenha escrito a pastoral para esclarecimento de todos os católicos.⁴⁵

Concluiu sua arguição afirmando que Dom Antonio de Almeida Morais Junior “tem dois pesos e duas medidas. Quando amigo, apoio. Quando não, escreve pastorais que não dizem que não se vote no candidato da oposição”. Para destacar a dubiedade contida no fato de o arcebispo não afirmar categoricamente para não se votar na oposição, acrescentou: “ele que é inteligente sabe que estabeleceu dúvida na consciência do eleitorado pernambucano”.⁴⁶

Vieira de Menezes passou rapidamente para a resistência. Na tentativa de defender as atitudes de Dom Antonio, afirmou que o metropolitano decidira agir porque sofreu uma intimidação nas vésperas de sua partida e foi chamado de “covarde” por três

titular da chapa.

⁴⁵ TUMULTUOSOS debates na Assembleia sobre a proclamação do Arcebispo. DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, p. 13, 24 de set. 1958. (APEJE – Recife).

políticos associados às Oposições Unidas, em pleno Palácio Episcopal. Aquela ampla discussão se devia ao fato de o Arcebispo ter viajado depois de fazer toda uma campanha para desacreditá-los. Mas, na opinião do parlamentar, Dom Antonio programou a viagem para a Itália porque estava com a saúde debilitada.

Ao novamente apartear-lo, o deputado Falcão afirmou que se o Arcebispo sofreu, de fato, tão desonrosa afronta, então deveria ter ficado e lutado contra seus detratores e não ter adotado como tática o lançamento de uma pastoral que “só causou confusão”. Naquela altura do debate, o deputado Constâncio Maranhão, que presidia a sessão, abandonou sua posição para também apartear a fala de Menezes. E, logo, também apresentou suas credenciais:

Eu, afinal de contas, sou conhecido em Pernambuco, e nenhum mistério tenho nisso, que sou anticomunista número um. Mas, tenho a dizer a V. Excia. que a palavra de Dom Antonio neste assunto, tem tanta responsabilidade como um sacristão de uma igreja. Porque, infelizmente, Pernambuco, que devia ter outro destaque para a Santa Sé, tem um homem que não está na altura de representá-lo, pelas *palhaçadas* que tem cometido aqui no Estado de Pernambuco. Compreendeu? Digo mais, o Sr. Antonio não pode falar, absolutamente, sobre comunismo porque na hora em que o Sr. Carlos Prestes apoiou o Sr. Kubitschek, então nessa época, estava de braços dados com os comunistas. Portanto, esse homem é um irresponsável para o Estado de Pernambuco.⁴⁷

Em seguida, o deputado Clodomir Moraes lembrou aos presentes outros pronunciamentos, de natureza semelhante, feitos por lideranças eclesiais ao longo da história, e concluiu: “No entanto, a história nos vem mostrando que caíram no vazio e no ridículo, aqueles que procuram confundir o fato político com o fato religioso”.

Diante do cenário posto, há uma inevitável constatação: se era essa a percepção da bancada declaradamente anticomunista e, até então, aliada convicta de Dom Antonio, é o caso de se lançar a questão sobre o que seria falado nos círculos de desafetos e

⁴⁶ *Idem.*

⁴⁷ *Idem.* Grifo dos autores.

O uso do vocábulo “palhaçadas” por parte de um político pode ser comparado a outro que, embora um pouco mais polido, guarda aproximações de sentido. O termo foi empregado pelo Vice-provincial do Brasil Setentrional dos Jesuítas, em carta enviada ao então reitor da Universidade Católica de Pernambuco – Pe. Francisco Tavares de Bragança, SJ – quando estava em discussão a questão da chancelaria da IES: “Recomendou tratar a questão com Jurandyr Lodi [na época Diretor do Ensino Superior, do Ministério da Educação e Saúde Pública], que estava interessado no caso, porém lembrou que ele era mineiro e amigo do Arcebispo local, estando a par de todas as *trapalhadas* recifenses”. CABRAL, Newton Darwin de Andrade. *op. cit.*, p. 155. Grifos dos autores. A referência era feita a desentendimentos de Dom Antônio com o referido reitor da Católica de Pernambuco (ver a nota de

opositores do metropolitano?⁴⁸

Considerações finais

Dom Antonio de Almeida Morais Júnior foi um dos maiores oradores sacros do seu tempo.⁴⁹ Destarte, seus discursos pomposos e eloquentes cativaram os fiéis. Suas palavras ganharam força, transformaram-se em ações e, tal qual um grão-canhão turco, soberano no *front*, fizeram estragos. Entretanto, há um limite mesmo para discursos, mesmo para os que se propõem ditirâmbicos e repolhudos. Embora tenha tentado promover a mesma linha de ação combativa que caracterizara sua atuação durante as eleições anteriores, em 1959, no pleito municipal em que Miguel Arraes concorreu, ainda assim esse último saiu vencedor sem enfrentar as dificuldades de seus antecessores, que, algumas vezes, chegaram, inclusive, a responder, através da imprensa, aos pronunciamentos do arcebispo. Naquele momento, os fiéis pareciam não mais ouvi-lo.

A dura verdade, para Dom Antonio, é que o período em que fora mais popular e querido foi, justamente, quando tomou posse. Ele assistiu à sua popularidade esvaír-se ano a ano. As atitudes que assumiu possibilitaram que se assemelhasse a um pastor pouco zeloso que esquecera aberta a porta do aprisco, ocasionando a fuga de muitas ovelhas. Ex-alunos da Universidade Católica a ele se referiram: para Paulo Rosas, “o Arcebispo teve uma atividade bem mais social que pastoral”; Nelson Saldanha, por sua vez, o definiu como sendo “sobretudo um orador, um pastor mais retórico do que

número 51).

⁴⁸ A oposição aproveitou bem a brecha criada pelos deputados estaduais. Sem descambar para a violência desenfreada, o jornalista e ex-governador, candidato a deputado federal e aliado de Cid Sampaio, Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho, escreveu vários artigos no Diário de Pernambuco comentando o fato de, apesar dos pesares, Dom Antonio ter apoiado Juscelino Kubitschek, não criticando o apoio em si, mas a posição dúbia do Arcebispo. E para estabelecer comparações, Barbosa Lima Sobrinho afirmou que, no tempo de Dom Miguel Valverde, não era assim: “Quando os pretendentes alvoroçados queriam obter de sua autoridade os anátemas e as excomunhões necessárias ao êxito de suas campanhas, D. Miguel Valverde se limitava a olhá-los de frente e a sorrir. E bastava o sorriso para desarmar seus pretendentes, pois que era como se lhes dissesse que a Igreja Católica de Pernambuco não se prestava a ser caudatária de partidos políticos ou de interesses partidários”. DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 26 de set. 1958, p. 05.

⁴⁹ Os desentendimentos citados em nota precedente se deveram ao fato de o reitor citado ser também um excelente orador sacro, ao ponto de ter alcançado uma projeção sociorreligiosa que fazia sombras ao Arcebispo. A situação despertou ciúmes no metropolitano que solicitou ao Geral dos Jesuítas fosse o Pe. Bragança transferido do Recife. Cf. CABRAL, Newton Darwin de Andrade. *op. cit.*, p. 151-152.

qualquer outra coisa”.⁵⁰

Em meio a desencontros por ele protagonizados – palhaçadas ou trapalhadas? – Dom Antonio se sentiu desiludido e não se recuperou dos sucessivos revezes. Solicitou, então, sua transferência à cúria romana no ano seguinte. O Papa João XXIII atendeu o seu pedido, e elevou à condição de arquidiocese a então diocese de Niterói⁵¹, cujo titular era Dom Carlos Gouvêa Coelho. A Santa Sé optou por uma troca de prelados: Dom Antonio foi transferido para a Arquidiocese de Niterói, enquanto Dom Carlos Gouvêa Coelho foi nomeado para assumir o sólio arquiépiscopal de Olinda e Recife.

Assim, Dom Antonio foi embora do Recife. Entretanto, não o fez sem antes maldizer a sorte dos incautos que não lhe deram ouvidos. Em sua opinião, a revolução vermelha viria, mais cedo ou mais tarde, pois as ruas estavam tomadas por um verdadeiro exército de camponeses. Acrescentava que, quando o pior acontecesse, não poderiam culpá-lo por não tê-los alertado.⁵²

Referências

ALMEIDA, Viviane Antunes Guimarães. **Chorem os sinos**: os discursos e as práticas anticomunistas da Arquidiocese de Olinda e Recife (1952 – 1960). Recife, UFPE, CFCH, PPGH, 2010. Dissertação de Mestrado.

A TRIBUNA. Recife: Órgão da Associação da Boa Imprensa, jan. 1952 a jun. 1960. (CMOR - Recife).

AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo: tomo II/3-2: terceira época: 1930 - 1964. Petrópolis: Vozes, 2008.-

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007.

BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. 6. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

⁵⁰ Os depoimentos dos professores Paulo da Silveira Rosas e Néelson Nogueira Saldanha foram concedidos ao Prof. Newton Cabral, respectivamente nos dias 29 de junho de 1993 e 13 de junho de 1993, no conjunto das entrevistas que realizou para sua Dissertação de Mestrado, posteriormente publicada em obra citada neste trabalho, entre outras, na nota anterior.

⁵¹ Não faz parte da política da Igreja transferir um arcebispo para uma diocese.

⁵² DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, p. 01, 12 de ago 1960.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. **Memórias de um cotidiano escolar**: Universidade Católica de Pernambuco, 1943-1956. Recife: Fundação Antonio dos Santos Abranches, 2008.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife: Diários Associados, set. 1955 a dez. 1959. (APEJE - Recife).

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI** – A religião de Rabelais. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Combates pela História**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

LEITE, H. L. S. O.; CAVALCANTE, L. N.; CABRAL, N. D. A. Recife em chamas: as eleições municipais de 1955. In: **Abordagens interdisciplinares sobre história da sexualidade**, 2010, Recife - PE. IV Colóquio de História - Anais, 2010.

MORAIS JR., Antonio D’Almeida. **Capital e trabalho**. 2. ed. Petrópolis; São Paulo: Vozes, 1947.

PORTOCARRERO COSTA, João Batista. **Ação Católica**: conceito, programa, organização. Rio de Janeiro: Ed. ABC, 1937.

SERVUS MARIAE. **Para entender a Igreja no Brasil**: a caminhada que culminou no Vaticano II (1930-1968). Petrópolis: Vozes, 1994.

Artigo recebido em Novembro de 2012

Artigo aceito para publicação em Novembro de 2012